

## VII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

07 a 08 de Dezembro de 2017

### **SER OU NÃO SER USUÁRIO(A) DAS REDES SOCIAIS: COMPREENDENDO AS VIVÊNCIAS DE UNIVERSITÁRIOS(AS).**

Rodolfo Rigon Spack (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Sylvia Mara Pires de Freitas (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil).

contato: rodolfospack@gmail.com

**Palavras-chave:** Existencialismo. Redes sociais. Sartre. Sociabilidade.

Como muitos(as) universitários(as), sou um usuário assíduo das redes sociais, em especial do *Whatsapp* e do *Facebook*; entretanto, em um período recente, experienciei, por opção minha, o afastamento destas plataformas e, após alguns meses, o retorno às mesmas. A recusa em continuar utilizando estas redes sociais, justificou-se porque estava deixando de apreender os fenômenos no meu entorno, no mundo vis-à-vis. O retorno, no que lhe concerne, deveu-se, paradoxalmente, por considerar como uma perda o afastamento dos acontecimentos no mundo virtual. Considerara, principalmente, que não estava me mantendo informado sobre os eventos que são divulgados somente nas redes.

Jean-Paul Sartre (2007) nos fala que a consciência depende do objeto, pois somente como consciência ‘dele’ que se torna consciência. Desse modo, deve-se a consciência nada ser antes de apreender o Ser do fenômeno. Para apreendê-lo, portanto, precisa intenciona-lo. E ser consciência intencional significa, para Sartre (1994), transcender seu nada ao ir ao encontro de algo que se encontra no mundo, surgindo como ‘consciência *de* algo’. Desta forma, quando o sujeito apreende o Ser, encontra ‘nele’ a sua totalidade, isto é, o ser do fenômeno apresenta-se como absoluto para a consciência.

E o que esta explanação tem a ver com minha experiência? Antes de fazer a correlação, considero importante explicar os dois tipos de consciência cognoscente colocadas por Perdigão (1995, p. 55), a “[...] *consciência irreflexiva*, voltada para as coisas (sejam reais ou imaginárias), e a *consciência reflexiva*, aquela que toma consciência de si, isto é, faz da consciência irreflexiva o seu objeto de conhecimento”. À vista disto, a minha experiência com as redes sociais, a princípio, deu-se irreflexivamente, ou seja, somente posicionava os acontecimentos que nesta plataforma social ocorriam. Por esta consciência não tética de si,

## VII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

07 a 08 de Dezembro de 2017

isto é, a consciência que não supõe a sua existência - que Sartre (1994) denomina de cogito pré-reflexivo – que permaneci ‘conectado’ às redes.

Foi, contudo, no momento que experienciei a carência da relação com a ‘concretude’ a minha volta, quer dizer, quando tive consciência do vazio de minhas relações vis-à-vis, que pude optar por recusar a relação com as redes sociais. Meu retorno à estas, não obstante, ocorreu, paradoxalmente, ao ter consciência da ausência da consciência dos acontecimentos nas redes.

Sartre afirma, em *O ser e o nada* (2007, p. 19), que “O ser nos será revelado por algum meio de acesso imediato, o tédio, a náusea, etc., e a ontologia será a descrição do fenômeno de ser tal como se manifesta, quer dizer, sem intermediário”. Minha vivência da recusa de continuar ‘conectado’ às redes sociais e depois o retorno a elas, ocorreu de maneira angustiante - se escolhesse manter minhas relações com a ‘concretude’ ao meu entorno, perderia mais momentos de convivência com o virtual e vice e versa. Atualmente procuro encontrar um equilíbrio; contudo, estes acontecimentos me inquietaram.

Convivendo no ambiente universitário, observo que as redes sociais cumprem, analogamente, a função de um ‘estratagema’. Existe uma sagacidade em seus fundadores e colaboradores no sentido de, tanto criar um enredamento, uma trama de relações, quanto de ‘enredar’, ‘envolver’ seus/suas usuários(as). Para qualquer lado que nos viremos no ambiente da academia, perceberemos pessoas ‘conectadas’ às redes, principalmente, mediadas a elas pelos seus celulares.

Dentre o grande número de acadêmicos(as) usuários(as) das redes sociais, identifica-se também os(as) não usuários(as). Neste grupo, há tanto os(as) universitários(as) que nunca se conectaram às redes, quanto os que, igualmente a mim, em algum momento as recusaram, e que podem ter ou não a elas retornado. De qualquer modo, essa atitude sugere resistência ao alheamento das relações às redes digitais, mesmo que seja por um pequeno período. Prática de uma minoria, a negação das redes é tida como ininteligível por alguns/algumas usuários(as), à primeira vista.

Diante dessa obscuridade, despertou-me o interesse de compreender *como ocorreu a relação desses(as) universitários(as) com as redes sociais. Como eles(as) compreendem essa relação? Como significam as redes sociais? Quais seriam suas justificativas para a recusa do ‘Ser usuário(a) das redes sociais’? Outrossim, como experienciaram e/ou experienciam a*

## VII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

07 a 08 de Dezembro de 2017

*negação da recusa quando às redes retornaram? Quais seria suas justificativas para retornarem (ou começarem) a se conectar a elas?*

Sartre (1963) coloca que o campo da materialidade, o qual é construído pelos homens, consegue ajuntar pessoas indiretamente, independente de que elas se conheçam ou não. Podemos citar o exemplo das redes sociais. Elas são produções humanas e pelos homens são mantidas. Por elas, indivíduos de todo o mundo são conectados, buscando nessas redes o ‘Ser de suas necessidades’. Isto quer dizer que muitos acreditam que a necessidade de se fazer ser será encontrada nelas ou por elas. Os que recusam este meio e modo de ‘Ser’, podem vislumbrar outros que, a princípio, ou foram ‘esquecidos’ pelos(as) usuários(as) das redes, ou são por eles desconhecidos.

Sartre (1963) também assevera a relação dialética entre o homem e mundo, ou seja, entre subjetividade e objetividade, singular e universal. Estes são interdependentes, sendo que o homem ao produzi-lo igualmente é produzido por ele. Desta forma, ao partir da singularidade chega-se ao universal, e realizar o sentido contrário, pela dialética, também é verdadeiro. À vista disto, compreender a relação entre o(a) usuário(a) (ou não usuário(a)), em sua singularidade, com as redes sociais (o campo da universalidade), requer que cheguemos ao ponto de interseção entre ambos.

A possibilidade de universalizar o conhecimento produzido com a pesquisa, permitirá ampliar o horizonte de alguns/algumas usuários(as) das redes sobre as contradições das relações virtuais e, por conseguinte, como os sujeitos também se edificam por elas. Ademais, a partir das falas dos(as) entrevistados(as) também poderemos conhecer possibilidades de se ‘viver’ e sociabilizar no mundo contemporâneo sem a necessidade do uso das redes sociais; ou seja, por outras condições concretas que igualmente se constituem como campo de sociabilidade, e que foram ‘esquecidas’, ‘negadas’ e/ou são ‘desconhecidas’ por usuários(as) das mídias sociais, na sua cotidianidade. À vista disto, essas são as justificativas para a motivação da realização dessa pesquisa.

A **população** universitária é a que se encontra dentro da faixa etária que mais utiliza as redes sociais. Segundo pesquisa da Pew Research Center (2017), 86% dos jovens adultos entre 18 e 29 anos utilizam pelo menos uma rede social, ou seja, relacionam-se virtualmente. A virtualidade, em termos filosóficos, não se opõe à realidade, mas sim à atualidade; assim, virtual e atual são duas formas distintas e opostas do real, ou seja, “É virtual toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos

## VII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

07 a 08 de Dezembro de 2017

e locais determinados, sem contudo estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular.”. (LÉVY, 1999, p. 47).

Diante do exposto, o **objetivo geral** da pesquisa é o de *compreender a vivência de pessoas não usuárias das redes sociais, bem como daquelas que voltaram a ser usuárias, no que concerne as suas relações com essas redes*. Para atingir este objetivo, realizaremos **entrevistas com questões abertas**, disparadoras do diálogo com os(as) universitários(as) entrevistados(as), que nos ajudarão a compreender suas vivências, relativas ao uso, ou não uso, das redes sociais. Citamos como exemplo, as seguintes questões disparadoras: “*Conte como é sua experiência como não usuário(a) das redes sociais*”; “*Gostaria de conhecer como você experienciou a sua decisão de abandonar as redes sociais*”; “*Como foi sua experiência de retornar às redes sociais?*”.

Propomos trabalhar com uma **amostra** inicial de 09 (nove) acadêmicos(as) e, se possível, sendo três que nunca se conectaram as redes sociais como usuários(as); três que deixaram de ser usuários(as) e não retornaram ao seu uso até o momento da entrevista e, por fim, mais três que retornaram às redes sociais. Caso concordem, as entrevistas serão gravadas e depois transcritas na íntegra.

O número desta amostragem pode ser ampliado ou diminuído, conforme a saturação das respostas. Todos os encaminhamentos éticos (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e cuidados para com o sigilo de dados que comprometam os(as) entrevistados(as)), serão plenamente empregados.

No tocante a **metodologia e procedimentos**, as entrevistas das falas dos(as) universitários(as) se apoiarão no método Progressivo-Regressivo. Perdigão (1995) descreve este método como o movimento de projetar-se à finalidade da ação do Outro para reconhecer-lhe o projeto: partindo da experiência dos(as) entrevistados(as), ‘progride-se’ em direção ao fim futuro que a ação de cada um visa atingir, para então ‘regredir’ à condição objetiva originária que deu início ao projeto de, respectivamente, ser ou não ser usuário(a) das redes sociais; de desvincular-se dela e; em alguns casos, de retornar a ela.

Pretende-se selecionar a amostra a partir de indicações de universitários(as) que conheçam pessoas que se enquadrem nas condições estabelecidas. Após as indicações, essas pessoas serão contatadas pessoalmente, e convidadas para participarem da pesquisa.

As **análises** serão elaboradas com o auxílio da filosofia existencialista de Sartre, exposta em suas reflexões sobre a ontologia do ser e do nada, e sobre sua antropologia

## VII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

07 a 08 de Dezembro de 2017

estrutural e histórica. Portanto, além de serem **compreensivas** – por acompanhar os movimentos dialéticos realizados pelos(as) entrevistados(as) nas suas relações com as redes sociais -, também se apoiarão na **críticidade** dos pontos de interseção entre o singular e o universal, elucidados por esses movimentos. Essas reflexões nos permitirão, igualmente, identificar o que unifica suas experiências.

Acreditamos, por conseguinte, que os **resultados** das análises poderão clarificar algumas facetas das redes sociais enquanto campo objetivo (mesmo que virtual) que unifica os indivíduos e os aliena aos meios e modos prescritos para os relacionamentos virtuais.

### Referências

LÉVY, P. **Cibercultura**. (C. I. da Costa, Trad.). 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

PERDIGÃO, P. **Existência e liberdade**: uma introdução à filosofia de Sartre. 1. ed. Porto Alegre: L&PM, 1995.

PEW RESEARCH CENTER. **Social Media Fact Sheet**. 12 de jan. de 2017. Disponível em: <<http://www.pewinternet.org/fact-sheet/social-media/>>. Acesso em: 25 de novembro de 2017.

SARTRE, J-P. **A transcendência do ego**: esboço de uma descrição fenomenológica. (P. M. S Alves, Trad.). Lisboa: Edições Colibri, 1994.

SARTRE, J-P. **Crítica de la razón dialéctica**. (M. Lamana, Trad.) Buenos Aires: Editorial Losada, 1963.

SARTRE, J-P. **O Ser e o Nada**. Ensaios de ontologia fenomenológica. (P. Perdigão, Trad.) 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.